



A INFLUÊNCIA DA BÍBLIA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rejane Mary Moreira¹

Eliane Dayse Pontes Furtado²

1. INTRODUÇÃO

Um tema pouco discutido na EJA, em especial no processo de alfabetização, diz respeito à influência da Bíblia na aprendizagem de jovens e adultos. Talvez pela perspectiva crítica, de fundo marxista, que nos influenciou na Educação Popular, desde a década de 1960, não nos detemos muito em analisar o processo de aprendizagem da leitura nos grupos sociais ligados às religiões, em particular nos evangélicos. Com a implantação do Programa Brasil Alfabetizado, na sua primeira versão, aberto a todos os grupos que assim o desejassem, muitas Igrejas apresentaram suas propostas e abriram turmas. Em nossas experiências de pesquisas, encontramos alguns grupos com estas características, mas, de fato, não paramos para fazer reflexões mais específicas. Tentando lembrar o projeto que nos foi apresentado à época, vem fortemente à memória que citava Paulo Freire como referencial que a embasava.

Somente agora, a partir de uma discussão em sala de aula, na pós-graduação, um ponto especial chamou a atenção: a apresentação e as considerações sobre o livro intitulado: *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, de Christopher Hill. O debate despertou curiosidade e nos fez refletir sobre a importância e a influência da Bíblia em toda a história do

¹ Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Educação Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora do Núcleo de Referência em Educação de Jovens e Adultos: História e Memória – Ceará – NEJAHM. E-mail: rejanemary@ymail.com.

² PhD, Profª pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Orientadora da tese de doutorado desta autora. Coordenadora do Núcleo de Referência em Educação de Jovens e Adultos: História e Memória – Ceará – NEJAHM. E-mail: eliane.dayse2@gmail.com.

mundo, isto é, ela teve um papel central na vida da sociedade daquela época, possibilitando significados de coisas diferentes para pessoas diferentes, não só do ponto de vista religioso, mas na Educação, na Economia, na política e na vida intelectual e moral das pessoas.

Outras leituras vieram a partir daí e o que diz Hill (1993) nos chamou atenção: [...] "Se você realmente deseja compreender este período, vá para casa e leia a Bíblia. Tal conselho é, sem dúvida, especialmente adequado para historiadores da economia, mas também tem sua relevância para os historiadores da política e da literatura". (HILL, 1993. p. 24).

Sentimos, ainda, que este livro influenciou, também, a academia e a ciência: "A impressão estimulou um academicismo apurado, inicialmente bíblico e, depois, científico", continua Hill, corroborado pela afirmação de (BARBOSA, 1994. p. 103).

Gutenberg foi o ponto de partida para que ritos encenados por um intermediário da palavra sacra fossem substituídos pelo ritual da letra impressa: Lutero torna obrigatório o que Gutenberg tinha possibilitado, suscitando maior interesse pela leitura ao difundir que todos deveriam ter acesso à palavra de Deus diretamente, por meio da página impressa.

Essa compreensão foi ainda reforçada com a leitura do texto introdutório do livro citado, que tem como objetivo analisar o impacto que a Bíblia exerceu sobre a sociedade do séc. XVII, sua utilização com propósitos políticos e seus efeitos sobre a literatura, a teoria política, as relações sociais, a agricultura e a colonização, entre tantas áreas.

Ao analisar este livro, estou lidando não apenas com os "fatos", mas também com opiniões e crenças. Assim não hesitei em utilizar evidências literárias para a narrativa destas opiniões e crenças. Tais evidências variam muito, e devem ser avaliadas criticamente, o que não impede que sua existência seja um fato. (HILL, 1993, p. 25).

Considerando a reflexão sobre esta temática, surge um novo olhar sobre o texto bíblico, uma nova forma de considerá-lo, não somente na perspectiva de um livro que trata exclusivamente de religião, que prega a palavra de Deus, mas da sua importância e influência no processo de construção da história das civilizações, que após sua impressão e divulgação possibilitou a reflexão e os questionamentos que levaram a movimentos reformistas, ao avanço das civilizações e da cultura: "A liberdade de imprensa tornou possível a reforma e as concepções mais amplas de liberdade religiosa" (VOLTAIRE *apud* HILL, 1933, p. 33).

Por sua vez, historicamente, a Educação de Adultos (hoje, Educação de Jovens e Adultos) busca alcançar os segmentos que, por razões históricas e múltiplas, ficaram

marginalizados dos benefícios sociais e econômicos e da participação política em seu sentido mais específico. No entanto, toda a história da educação de adultos no Brasil acompanha a história dos modelos econômicos e políticos e, conseqüentemente, a história das relações de poder, dos grupos que estão no poder. Sua importância começa a ser mais amplamente sentida a partir das lutas da sociedade organizada que, pressionando os governos, começam a mudar a configuração das políticas para uma perspectiva mais democrática.

Entretanto, a busca incessante dos governos, apoiados por instituições internacionais, através de suas políticas de universalização do ensino fundamental de crianças e adolescentes, nas últimas décadas, não assegurou a permanência e a continuidade exitosa de seus estudos. O modo como se deu a expansão da oferta de vagas e a progressiva incorporação de segmentos populares à escola pública acabou gerando uma cultura da repetência que passou a caracterizar o sistema educacional brasileiro pelo fracasso escolar e por acentuada defasagem na relação idade e série dos seus alunos. Esforços foram feitos, mas, como diz Hadad (2002, p. 06):

O resultado desse processo, foi que ao enorme contingente de adultos que não teve acesso à escolarização na infância e adolescência, veio somar-se um considerável grupo de jovens com baixa escolaridade, marcados por experiências escolares descontínuas e negativas, para compor uma legião de cidadãos que demanda novas e mais adequadas oportunidades educacionais.

De fato, o território da educação de jovens e adultos não abrange todo e qualquer jovem ou adulto, mas demarca um determinado grupo de pessoas no seio de toda a diversidade de grupos sociais e culturais existentes na sociedade contemporânea. Um grupo que é relativamente homogêneo pela história entrecortada de entradas e saídas da escola e, algumas vezes, nenhum ingresso.

Entre estes, estão os que professam sua fé e são sujeitos da EJA, em suas próprias Igrejas, o que nos leva, a seguir, às reflexões sobre o aprendizado da leitura nesses grupos.

2. A LEITURA DA BÍBLIA: ESTÍMULO AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Em virtude da importância da leitura do texto citado e da discussão em sala de aula da pós-graduação, instrumentos que serviram de mote a este estudo, este artigo objetiva compreender a influência da Bíblia no aprendizado da leitura de analfabetos jovens e adultos enquanto leitura de mundo. Fizemos, então, algumas reflexões remontando ao que temos observado nas nossas pesquisas sobre EJA no estado, quando encontramos alfabetizando que

diziam precisar aprender a ler para poder ler a Bíblia. Alguns deles exercitavam sua leitura no texto bíblico.

Nesse contexto, uma discussão especial surge: a de atentar para que a busca pela leitura da Bíblia não foi e nem continua sendo apenas por pessoas “letradas”, mas também por aqueles (as) com pouco ou sem estudo, isto é, pessoas chamadas de alfabetizadas funcionais. Estas fazem parte de um grande contingente de pessoas que, segundo o Relatório Conciso da UNESCO (2005, p.15), enquadra-se como:

[...] uma pessoa é funcionalmente alfabetizada quando pode fazer parte de todas as atividades nas quais a alfabetização é necessária para o funcionamento de seu grupo, comunidade e também para tornar possível, que ela continue a usar a leitura, a escrita e a aritmética para seu próprio desenvolvimento e de sua comunidade.

Esse ponto possibilitou fazer uma relação com o objeto de estudo do nosso grupo de pesquisa, a Educação de Jovens e Adultos, já tocado por Barbosa (1994, p.103): “A história da alfabetização em massa talvez encontre suas raízes no embate que se estabelece nesses séculos, entre heréticos e Contra-Reforma”. Tal constatação, agora refletida, também traz a relação com a pesquisa de dissertação de mestrado de uma das autoras deste texto, intitulada *O Programa Brasil Alfabetizado na UECE: a alfabetização como mediação de inclusão social*, que investiga alunos egressos do PBA que concluíram a alfabetização em 2008. Este Programa teve como referência a proposta pedagógica de Paulo Freire, que também é relacionada ao tema em pauta, quando diz Ribeiro (1998, p. 22) que:

O pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como sua proposta para a alfabetização de adultos, inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular realizados no País no início dos anos 1960. Esses programas foram endossados por intelectuais e estudantes católicos, engajados numa ação política junto a grupos populares.

Nas entrevistas para a dissertação, os educandos, ao responderem nossa indagação sobre o que gostavam de ler, apontaram a leitura da Bíblia, o que pode ser constatado nos seguintes depoimentos:

[...] O que mais gosto de ler é a Bíblia.
[...] Eu leio assim, sou crente, leio a Bíblia, umas coisa, sabe, dá pra mim ler.”
[...] O que mais gosto de ler é o jornal da missa.
[...] A Bíblia, leio algumas coisa assoletrando.
[...] A Bíblia, não leio com facilidade por causa da vista.

Estas respostas foram dadas pelas educandas que já sabiam ler, embora com dificuldade. Isso revela a motivação para a leitura, da mesma forma que ressaltam as respostas

dos analfabetos absolutos, ao expressarem suas opiniões quanto à indagação sobre o interesse de aprender a ler:

[...] Pra ler a bíblia, acho muito bonito aquelas pessoa que lê a bíblia na missa.
[...] Eu tenho muito interesse de aprender ler pra ler a bíblia.
[...] Para ler a bíblia, sou evangélica.

Dentre estes depoimentos, merece destaque a reflexão de uma aluna de sessenta e dois anos de idade, católica, ainda não alfabetizada, que disse ler um salmo da bíblia, algo inexplicável para ela, “coisa de Deus”, como podemos perceber em sua fala:

[...] agora só uma coisa que eu acho incrível, que eu mesmo fico me perguntando, é coisa de Deus, porque eu acompanho o jornal da missa todinho aí sei quando eu tou errada e quando não tá escrito eu percebo que não tá. Aí tem um livro lá em casa que eu só gosto de rezar o terço dos mistérios, ai eu leio todim, leio, leio a ladainha, decorei ficou na minha cabeça.

Para ela, isso é um fato importante que a liga com o processo de alfabetização em curso. À primeira vista, esta afirmação decorre do fato de que a educanda apenas memorizou. Nesse sentido, torna-se visível a constatação de repetição mecânica, o que, apesar de fazer parte do processo, não se expressa na proposta pedagógica de Freire (REVISTA NOVA ESCOLA, 1990, p. 12) quando afirma que

Alfabetizar é adquirir a língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, com uma visão crítica da realidade. Quando se trata do adulto, a técnica que proponho é a consequência natural da tomada de consciência dos problemas vividos pelo grupo [...].

No entanto, considerando o processo de leitura com a amplitude trazida por Freire, é possível dizer que essas pessoas faziam sua leitura do 'mundo religioso' em que estavam inseridas.

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (SEVERINO, 1982, p. 37)

Esta leitura, para Freire, refere-se a tudo aquilo que tem significado para o indivíduo, como os olhares, os cheiros, os toques, as crenças e os saberes acumulados na nossa vivência diária, ou seja, na nossa linguagem, aquilo que somos no nosso conhecimento historicamente acumulado e vinculado às nossas opiniões pessoais.

A leitura do mundo, no entanto, precede a leitura do que dizemos. O mundo nos precede. Ao falar, objetivamos nosso pensamento para poder compreendê-lo... Ler a palavra é lê-la como um corpo consciente molhada por uma história vivida de mundo experimentado como real, de sorte que, “as palavras do povo [...] grávidas de mundo o partejam. Toda palavra é palavra mundo”. (PASSOS, 2010, p. 238).

Diante dessa reflexão, é importante ressaltar que Paulo Freire desenvolve sua proposta de alfabetização com base no que denomina de temas geradores.

A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas do mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. (FREIRE *apud* KLEIN, 2010, p. 240).

Daí ser importante ressaltar, após essa colocação, que a aluna fez referência à beleza das imagens dos santos, em especial a de Nossa Senhora Aparecida, de quem é devota. Sua fala pode ser relacionada a uma frase do texto de Hill (2003, p. 35), “para os católicos as imagens serviam como os livros dos iletrados”, o que reforça o argumento sobre a leitura do mundo: “A cultura letrada está amplamente disseminada no país e que, mesmo as pessoas analfabetas relacionam-se com o mundo letrado de diversas formas” (RIBEIRO, 2004a, p. 20).

Voltando a Barbosa (1994, p. 103), no estudo sobre a Bíblia no sec. XIX, ele chama a atenção para que:

Até então, a Igreja convivia harmoniosamente com uma sociedade iletrada, de tradição oral. A elite eclesiástica utilizava métodos visuais-auditivos de transmissão da doutrina católica, baseados na iconografia religiosa e na adoção de rituais sagrados, marcados pela pompa e cerimônia. Nessa convivência serena, quem não lia, escutava, e muito poucos liam.

Entretanto, nessa abordagem de transmissão da doutrina católica, mesmo os que não liam estavam sendo introduzidos no contexto e nos rituais religiosos e se sentiam motivados a olhar para a Bíblia como algo místico que, trazendo-lhes a palavra de Deus, trazia a promessa de uma vida melhor. Para que maior motivação e maior estímulo à aprendizagem do que o código linguístico que ali estava impresso? Por que não dizer, com Paulo Freire, que aquele mundo estava sendo "lido" por eles, mesmo antes da leitura da palavra? Aquele era o mundo religioso que fazia parte de seu contexto vivencial, histórico. Daí, todo o sentido de olhar para

as páginas impressas, mesmo sem dominar o código ali gravado. E, conseqüentemente, dali deriva a motivação para a aprendizagem da leitura.

Seguindo essa mesma linha de pensamento de Barbosa (1984), Galvão (2004, p. 131) escreve:

A presença da leitura de materiais religiosos na vida de muitos entrevistados, analfabetos e que apresentam baixos níveis de letramento, pode ser explicada na medida em que as práticas de leitura desses materiais, sobretudo nas igrejas, são mediadas pela oralidade: muitas vezes, a leitura realizada em família é, na verdade, o reencontro, no impresso, com trechos já memorizados. Além disso, trata-se de um material muitas vezes distribuído gratuitamente pelas instituições, o que facilita o seu acesso por amplas camadas da população.

Sem dúvida, a oralidade como expressão dos preceitos religiosos, das crenças religiosas, contribui para a apreensão dos sentidos e dos caracteres impressos, que aos poucos vão ganhando sentido.

Vale lembrar que a vontade de ler a bíblia foi motivo para quase a totalidade, dos educandos e educandas entrevistados (as) ao se matricularem no Programa para aprender a ler. Na pesquisa de Galvão (2004, p. 131), ele afirma: "recentemente, tenho ouvido diversos depoimentos de quem aprendeu a ler através da Bíblia: como ocorria em relação à alfabetização através de folheto de cordéis". E continua "A leitura da Bíblia, livros sagrados ou religiosos, vista por 40% dos entrevistados, apresenta também, entre os analfabetos, o maior índice encontrado entre todas as práticas citadas". (p.131).

Sobre o assunto escreve Vera Masagão Ribeiro (2004b, p. 13):

Estudos sobre a história do letramento em várias civilizações identificam a esfera religiosa como crucial tanto no que se refere à disseminação da alfabetização quanto aos valores associados à leitura e ao livro. Os dados apurados pelo INAF 2001 confirmam esse aspecto em relação à cultura brasileira, identificando que grande parte das leituras a que as pessoas se dedicam estão relacionadas a essa esfera.

Essa assertiva reafirma o pensamento de Freire (*apud* PASSOS, 2010, p. 238) e que "É imprescindível uma leitura do mundo que contextualize, geste e emoldure um sentido para a palavra. Palavra que, ligada a um contexto, engravidamos de sentidos íntimos e coletivos".

Nesse sentido, é importante pensar que o processo de legitimar e deslegitimar algumas práticas pedagógicas, ao longo dos tempos, ocorre como se houvesse uma única forma de alfabetizar, sendo comum a ideia de que se aprende a ler lendo e escrever

escrevendo. E, se os professores não estiverem em constante formação centrada na reflexão de sua prática, resta apenas tentar conciliar os métodos que conheceram antes.

O ensino da leitura e da escrita baseados em métodos sintéticos ou analíticos predominou em nosso país até meados da década de 1980. Ainda naquela época, as experiências de alfabetização de crianças e adultos se apoiavam, principalmente, no uso de cartilhas de base silábica ou fônica, nas quais predominavam a leitura de textos artificiais e o trabalho com palavras-chave. Consideravam-se "alfabetizadas" aquelas pessoas que conseguissem ler (decodificar) e escrever (codificar), ao final do ano letivo da alfabetização, as palavras, frases e textos presentes em tais materiais. (LEAL, 2010, p.17).

É, pois, importante frisar a necessidade dos educadores de se apropriarem de estratégias diversificadas, no sentido de levarem em conta as condições e desejos reais de vida dos educandos quanto à aprendizagem da leitura, lembrando que Freire (REVISTA ESCOLA, 1990, p. 09) nos ensina que a EJA deve acontecer numa perspectiva libertadora, como a definia:

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria história.

Nesse sentido acrescenta Passos (2010, p. 238):

Toda pedagogia na qual existam ensinadores do exato sentido das palavras, explicadores da naturalidade do mundo, divulgadores da visão científica do real, válida, para todos, em qualquer tempo e lugar, está do lado da continuidade da opressão e do genocídio real e simbólico. A leitura dos opressores, entretanto, não pode tudo: será sempre alterada pelos sentidos contra-hegemônicos dos excluídos, grávidas de sonhos e desejos. Dizer a palavra não é pronunciar um signo exterior qualquer, sequer apossar-se de uma significação pronta ou objeto cognoscível.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, ressaltamos em nossas considerações finais que a discussão e a apresentação sobre o livro intitulado "A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII", de Christopher Hill, remete a uma melhor compreensão sobre a importância e a influência que a Bíblia exerceu e ainda exerce em toda a sociedade. Assim, destacamos a contribuição que essa reflexão proporcionou, não só na perspectiva do conhecimento, mas de um novo olhar

para a Bíblia, reconhecendo também toda a sua importância e influência no nosso objeto de pesquisa, a educação de jovens e adultos, que merece ser aprofundado.

Na sua relação com a alfabetização, o estudo buscou compreender a influência da Bíblia no aprendizado da leitura de analfabetos jovens e adultos enquanto leitura de mundo. Constatou que a vontade de ler a Bíblia, livros sagrados ou religiosos foi motivo para quase a totalidade dos educandos se matriculem em programas de alfabetização para aquisição da habilidade da leitura.

Nesse sentido é importante ressaltar a prática do educador em direção a uma nova maneira de ensinar, rompendo, assim, com antigos métodos antes adotados, considerando as condições de vida dos educandos, bem como suas reais necessidades de se apropriarem da habilidade da leitura. Enfim, uma nova maneira de educar que considere e respeite a leitura de mundo como ponto de partida para chegar à leitura da palavra.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção magistério, 2º grau. Série formação do professor, v.16.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Letramento no Brasil**. Reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

HADDAD, Sérgio *et al.* **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Tradução de Cyntia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LEAL, Telma Ferraz. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de (orgs). **Alfabetizar Letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Estudos em EJA).

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura de Mundo. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; Jaime José Zitkoski (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., ver. amp. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA, p. 12, ago. 1990.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: _____ **Letramento no Brasil**. Reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2004a.

_____. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: _____ **Letramento no Brasil.** Reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2004b.

_____. **Alfabetismo e atitudes:** pesquisa junto a jovens e adultos. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Papirus, 1998.

SEVERINO, Joaquim Anto. **A importância do Ato de Ler.** São Paulo, Editora Cortês: 1982.

STRECK, Danilo R. LER/LEITURA. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; Jaime José Zitkoski (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed., ver. amp. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos – EPT.** Brasília, 2005. (Relatório Conciso).